

*Por Isabella Trajano*

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>02</b>
<b>1 A Desconsolidação da Democracia.....</b>	<b>02</b>
<b>2 As origens do movimento.....</b>	<b>03</b>
2.1 Estagnação Econômica.....	04
3.1.1 O receio do futuro.....	05
2.2 A Identidade e o medo da democracia multiétnica.....	06
2.3 Ascensão das mídias sociais .....	07
<b>3 Os caminhos para salvaguardar a democracia liberal.....</b>	<b>09</b>
3.1 Domesticar o nacionalismo.....	10
3.2 Recuperação Econômica.....	12
3.3 Renovar a fé cívica.....	14
3.3.1 Eleições e Confiança Política.....	14
3.3.1.1 Lobistas.....	15
3.3.2 Educação cívica.....	16
<b>4 Um movimento Populista pode transformar-se em uma Era .....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## **INTRODUÇÃO**

O presente *review* visa discorrer sobre a obra “O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la” escrita pelo cientista político alemão Yascha Mounk, Doutor pela Universidade de Harvard e atualmente professor na Universidade Johns Hopkins. Atrelado a isso, analisar suas ideias sobre a perspectiva das eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2020, do debate à posse do dia 20 de Janeiro de 2021.

Na obra o autor busca elucidar o cenário político atual, o qual os sistemas democráticos liberais estão em processo de dissolução e assim proporcionam a ascensão da democracia iliberal e do liberalismo antidemocrático, mas também propõe formas de remediar tais ataques e salvaguardar a ordem política e social.

Mediante o cenário hodierno em meio à crise da democracia liberal e a ascensão de políticos populistas de direita e esquerda, os quais rompem com as instituições democráticas e solapam a estrutura de governo, e envolvem até mesmo as democracias mais antigas no mundo assim retratado nas eleições de diversos países como os Estados Unidos, Polônia, Hungria, Grécia, Turquia e inclusive o Brasil. Diante da realidade exposta, é indubitável a relevância de tal tema, visto que, as consequências da consolidação dessa corrente prejudica os direitos fundamentais dos indivíduos e modifica toda estrutura mundial.

Inicialmente, o autor apresenta os riscos gerados por governos populistas, os quais por meio de promessas eleitorais apresentam problemas difíceis com soluções fáceis e direcionam o público a figura de um culpado, dessa maneira iniciam sua ascensão em meio ao desencanto da população com seu sistema político, que coloca em risco seus próprios direitos fundamentais. Desse modo, a obra se desenvolve em três partes sendo elas: a crise da democracia liberal, suas origens e remédios e que se ramificam por meio da análise de gráficos e estatísticas para melhor elucidar de um tema um tanto quanto complexo.

## **1 DESCONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA**

Preliminarmente, é necessário delimitar a linha conceitual dos termos utilizados pelo autor, assim democracia se define como um conjunto de instituições eleitorais com poder de lei que refletem a vontade do povo; a democracia liberal é um sistema político que tanto protege os direitos individuais como traduz a opinião popular em políticas públicas, como por exemplo o Canadá; a Democracia Iliberal é uma Democracia sem Direitos, como no caso da Polônia; o Liberalismo antidemocrático é possuir Direitos sem democracia, como na União Europeia e por

último o populismo, que significa a intolerância a grupos opositores e o desrespeito às instituições independentes.

Os Estados Unidos representam uma das democracias liberais mais antigas do mundo, porém ao longo dos anos esse sistema político passou a se desconsolidar. Essa mudança passou a ser clara a partir da eleição à presidência de Donald Trump que revelou a fragilidade de uma democracia que acreditava ser intocável. Esse fenômeno, foi retratado no livro por meio de um relatório apresentado pela Freedom House, constando que nos últimos treze anos as maiores democracias do mundo estão sob o controle de políticos populistas autoritários, além de que muitos países afastaram da democracia na medida que poucos se aproximaram dela.

Com base nas pesquisas de cientistas políticos, esse movimento vem se firmando em vista ao início de um processo de desconfiança das instituições democráticas, e de baixo índice de aprovação de seus representantes eleitos. Sendo assim, os cidadãos se tornaram críticos ao sistema democrático e a juventude que pelo senso comum seriam os possíveis defensores da democracia cada vez mais dão menos importância, pois não vivenciaram um sistema político diverso.

Para Yascha Mouk, uma democracia estável seria se a maioria dos cidadãos estivessem comprometidos com o sistema, rejeitando possíveis governos autoritários que ameacem as estruturas democráticas, e com partidos políticos seguindo as regras básicas do jogo, através de uma política transparente capaz de permitir uma investigação de seus próprios membros de aceitação e respeito as críticas feitas pela imprensa em vez de atacá-las.

A partir desse fatores supracitados, é possível perceber a vulnerabilidade em que se encontra o governo americano, visto que o presidente Donald Trump durante sua campanha eleitoral de 2016 e do seu governo fez constantes ameaças as estruturas básicas de um estado democrático, incitando a propagação de notícias falsas e o ódio contra minorias étnicas e religiosas, aplicando políticas como a ampliação do muro na fronteira com o México e o Decreto anti-imigração. Ademais, durante o processo eleitoral de 2020 que elegeu o democrata Joseph Biden, Trump questionou o funcionamento dos votos pelos correios, e fez acusações sem evidências de uma eleição fraudada e apresentou uma resistência em reconhecer a vitória de seu oponente.

Os parâmetros de uma democracia estável poderiam estar revelando que os cidadãos apenas acreditavam nesse sistema, pois estaria provendo bons resultados e um retorno econômico, sendo assim o medo que tal realidade se transformasse traria à tona a ascensão de

governos autoritários, se tal fato for verídico segundo o autor, a relação democracia e povo seria ainda mais frágil e superficial.

## **2 AS ORIGENS DO MOVIMENTO**

As raízes da ascensão do populismo pelo mundo, segundo a obra, está ligada a três principais fatores sendo eles: estagnação econômica e do padrão de vida, identidade e o receio de uma democracia multiétnica e por último as mídias sociais. Com isso, os direitos individuais colidem com a vontade popular, causando a exclusão da população de importantes decisões políticas, acendendo uma política de direitos sem democracia (liberalismo antidemocrático). Por outro lado, tais fatores podem proporcionar voz a políticos que se colocam contra o sistema e as instituições, com a promessa de restituir os direitos do povo mesmo que signifique implantar uma democracia sem direitos (democracia iliberal).

### **2.1 Estagnação econômica**

Conforme, o sistema democrático foi se estabelecendo nos países, conjuntamente com seu desenvolvimento houve uma progressão acelerada dos padrões econômicos, conseqüentemente houve a melhoria das condições de vida, incitando uma sensação de esperança de um futuro mais próspero. A junção dos dois fatores associado a um período com menores índices de desigualdade, proporcionou a população a formação de suas moradias e aquisições materiais. Todavia, com o decorrer dos séculos o crescimento econômico foi reduzindo e os índices da desigualdade começaram a se acentuar de forma acelerada, por conseguinte o padrão de vida de uma grande parcela da população se estagnou causando um sentimento pessimista sobre o futuro e o medo de passarem por dificuldades.

Tal fator é mostrado claramente no livro, ao analisar os Estados Unidos no período de 1935 a 1960, o padrão de vida das famílias americanas médias dobrou, e o mesmo ocorreu no período seguinte de 1960 a 1985. Porém, a partir de 1985 os números estagnaram não apresentando sequer algum progresso, os americanos com uma média de idade de 30 anos em 1940 ao compararem sua situação financeira com as dos seus pais, nove em cada dez conseguiram elevar seus ganhos. Por outro lado, ao realizar a mesma análise quarenta anos depois os resultados são desanimadores, visto que um em cada dois americanos conseguiram elevar sua condição financeira, ao que me parece seguindo esse cenário traçado que o estilo *american way of life* deixou até mesmo o imaginário dos estadunidenses.

### 2.1.1 O receio do futuro

Por conseguinte, o rápido crescimento econômico serviu como meio de legitimar a democracia liberal e construiu na população um voto de confiança nesse sistema, pois mesmo que não acreditassem veementemente em seus políticos nesse período a democracia trazia resultados satisfatórios. Além disso, o autor deixa claro que o bem-estar econômico não se encontra obrigatoriamente vinculado à escolha de candidatos populistas, todavia é de extrema relevância analisar essa perspectiva de maneira mais ampla levando em conta o local e modo em que vivem.

A partir do exemplo elucidado na obra, nas eleições americanas de 2016 entre os eleitores de Donald Trump havia baixa probabilidade de possuírem um curso superior ou formação profissional, assim ocupam o mercado trabalho de serviços rotineiros e repetitivos, e mais propensos a sofrerem as consequências da globalização e da automação. Nas eleições presidenciais de 2020 esse cenário se repetiu, segundo a pesquisa realizada em 2019 pela Oxford Economics sobre estados mais vulneráveis à automação nos Estados Unidos, lideram os seguintes Estados: Oregon, Louisiana, Texas, Indiana e Carolina do Norte. Ao analisar o quadro eleitoral percebe-se que os quatro últimos nomes listados obtiveram a liderança de Donald Trump.

Ben Delsman chega mais ou menos à mesma conclusão testando se as regiões em que uma alta porcentagem de empregos está sujeita à automação são mais suscetíveis a populistas. Sua descoberta é chocante: 21 dos 22 estados mais propensos à automação votaram em Donald Trump; enquanto isso, 15 dos 15 estados menos propensos votaram em Hillary Clinton. Em média, o aumento de um ponto percentual na vulnerabilidade de um estado à automação estava associado ao aumento de três pontos na votação em Trump.(MOUNK, 2019, p. 192).

Outro ponto, é que esse perfil eleitoral tende a viver em lugares que possuam baixa qualidade nos serviços de saúde e maior dependência de seguridade social, o que transfere uma imagem de improsperidade. Logo, apesar de que essas pessoas no presente momento possuem um conforto econômico, vivem no medo de não apresentarem os mesmos padrões de vida no futuro, visto que os países não conseguem mais transpor uma sensação de progresso para seus cidadãos.

Esse cenário pode ser retratado também a partir de uma análise feita em 2020 sobre os principais doadores individuais da campanha de Trump e Biden, o primeiro angariou 600 milhões de dólares vindos de trabalhadores da construção civil, caminhoneiros e donos de

pequenos negócios (os quais sofreram muito com impactos econômicos gerados pela pandemia), por outro lado o segundo somou 1 bilhão de dólares originários de jovens urbanos com diploma universitário e ligados a empresas de tecnologia.

## **2.2 A identidade e o medo da democracia multiétnica**

Além disso, uma questão muito relevante abordada pelo autor para entender o surgimento do movimento populista no mundo hodierno é o fato de que as democracias liberais mais consolidadas e estáveis foram instituídas em nações monoétnicas ou em nações que estabeleceram uma hierarquia étnica. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o qual parte do continente europeu sofreu de uma limpeza étnica, a democracia ascendeu e marcava seu triunfo.

Os Estados Unidos fundou sua democracia em meio a uma nação multiétnica, porém com uma hierarquia racial muito rígida, durante a maior parte de sua história grupos foram discriminados, reprimidos e até escravizados. Ademais, comparado às nações europeias os americanos possuem uma experiência maior com movimentos imigratórios, todavia nos dias atuais os índices tornaram muito elevados comparados a seu passado, quadruplicando nos anos entre 1980 e 2008 a quantidade de latinos nascidos no exterior.

No ano de 2016, Donald Trump alcançou o cargo de presidente com discursos anti-imigratórios e retórica xenofóbica, denominando esse grupo como criminosos, e assim conseguiu bons resultados em regiões rurais onde o contato com estrangeiros é mínimo. Por outro lado, em estados que possuem mais fluxo imigratório uma sociedade multiétnica tornar-se rotineira, ou seja, nas grandes cidades muitos de seus habitantes são jovens e apresentam maior grau de escolaridade e com isso convivem mais com a diversidade.

Em 2020, esse cenário descrito pelo autor se modificou no âmbito da escolha eleitoral feita pelos imigrantes residentes no país, devido à postura irresponsável de Trump diante dos protocolos de segurança e minimização dos riscos provocados pela COVID-19, o mesmo buscava manter o impulso da economia americana. Com isso, o partido republicano conseguiu ampliar seus votos nessa parcela da população com uma margem de 5 milhões de votos a mais em relação ao que obteve há quatro anos, isto é, o discurso da preservação econômico nesse período de calamidade se sobressaiu às posturas anti-imigratórias de Trump.

Em relação às áreas rurais seu domínio permaneceu o discurso de reativação econômica e a oposição às medidas de quarentena também afirmaram sua influência. É importante ressaltar, que a postura de Donald Trump diante a pandemia demonstrou muitos efeitos negativos para sua campanha retirando a vantagem de um grande avanço econômico adquirido

antes desse período, somado a isso sua inércia no cumprimento de determinadas medidas no combate da Covid-19 custou a vida de muitos americanos.

O reflexo de ideias anti-imigratórias estão diretamente ligadas a uma insatisfação com a realidade vivida, assim resulta em um medo do futuro. Desse modo, ao somar os fatores do crescimento da desigualdade derivado da estagnação econômica e o aumento de imigrantes, que começam a reivindicar seus direitos em conjunto com as minorias étnicas, a parcela social que desfruta da hierarquia racial começa a se sentir que seus direitos individuais e seu futuro estão sob ameaçada.

Em veia similar, hoje existe um bom motivo para pensar que a volta dos valores materialistas exercerá impacto igualmente grande em nossa política: eleitores preocupados com segurança e sustento podem estar bem mais abertos ao apelo de populistas que oferecem soluções econômicas fáceis e culpam pessoas de fora por todos os seus problemas. Se o populismo tem sido tão bem-sucedido ultimamente, grande parte do motivo parece ser que as tendências sociais e econômicas existentes há muito tempo se combinaram para promover a ascensão dos eleitores pós-pós-materialistas. (MOUNK, 2019, p. 217 ).

### **2.3 Ascensão das mídias sociais**

É indubitável que as redes sociais atualmente exercem uma grande influência na vida dos seres humanos e conseqüentemente tornou-se um poderoso instrumento capaz de mobilizar milhares de pessoas no mundo ou de dividi-lo em instantes. Na obra de Yascha Mounk o mesmo demonstra uma clara ligação entre a influência das mídias sociais e seu poder em dar voz a líderes e movimentos populistas, podendo representar uns dos maiores riscos ao sistema democrático liberal.

Segundo o autor, no passado como a transmissão da informação era feita apenas pelos veículos de comunicação de massa só difundia-se um conjunto de fatos e valores, não abrindo espaço para disseminação de ideias extremistas, notícias falsas ou até mesmo para teorias da conspiração (apesar de tal pensamento é válido ressaltar que o poder da informação e o controle em relação tipo de conteúdo e seu teor era regulado unicamente pelos jornais tradicionais).

Nos tempos modernos as mídias sociais reduzem as etapas necessárias para a produção e divulgação (controle agora, pertence as plataformas digitais), os fatos para serem publicados não requerem mais uma investigação jornalística, basta que qualquer pessoa poste sua opinião e o que acredita no seu perfil, alterando toda a dinâmica de distribuição. Com isso, independentemente do marco temporal é importante desenvolver uma interpretação crítica sobre as informações que consumimos.

Tudo isso sugere que a invenção da tecnologia de comunicação digital realmente terá um efeito político grande. Mas a perda de influência dos difusores tradicionais de informação irá empoderar as pessoas comuns e impulsionar a democracia — ou já causou estrago ao dar aos populistas a plataforma de que precisavam para envenenar nossa política? (MOUNK, 2019, pg. 173).

Dessa maneira, o autor discute o tema sob duas perspectivas distintas de um lado uma postura tecno-otimistas e de outro a visão dos tecno-pessimistas.

O primeiro ponto vislumbra as mídias sociais como forma de manifestação da vontade popular, um instrumento de transmissão de notícias, de denúncias, de expressão da opinião, um mecanismo de mobilização de protestos, e uma forma de monitorar as eleições e o governo. Em 2020 foi possível presenciar tais atitudes nas redes sociais, visto que o ano foi marcado pela ascensão do movimento *Black Lives Matter* que mobilizou a população norte-americana, e posteriormente obteve sua pauta levantada até mesmo no Brasil.

Além disso, durante a contagem de votos nas eleições americanas e as manifestações incessantes de Trump no *Twitter* com declarações de uma eleição fraudada, cédulas roubadas, até mesmo a desconfiança do sistema de votos pelo correio e suas tentativas de pararem as contagens fez com que multidões levantassem a hashtag “Count every vote” configurando em uma forma de assegurar o funcionamento das instituições democráticas.

Por outro lado, os tecno-pessimistas acreditam que as redes sociais possuem mais malefícios do que benefícios para democracia liberal, pois a mesma torna mais acessível a disseminação de discurso de ódio e informações falsas. Desse modo, tal esfera proporciona a ascensão de líderes populistas como Trump que utiliza de suas redes para desmoralizar os tradicionais veículos de informação, e assim conjuntamente com sua legião de apoiadores potencializam o compartilhamento da ideologia política populista, difundindo informações de forma incendiária e incessante sem se preocuparem com a veracidade dos fatos ali descritos.

Esse poder nocivo presente nas mídias sociais, foi refletido dias antes da posse do atual presidente Joe Biden, depois de inúmeros ataques de Trump no *Twitter* acusando de eleições fraudadas desde o período dos debates presidenciais, o mesmo realizou inúmeras postagens incitando seus apoiadores a impedir a homologação feita pelo Congresso da vitória de Joe Biden. A consequência, desse ato irresponsável resultou em um dos momentos mais vergonhosos para um país que acreditávamos ser uma democracia liberal consolidada e estável, um grupo de manifestantes de forma agressiva derrubou as portas e invadiu o Congresso e com



a figura grotesca de um homem trajado de “viking” em frente a cadeira do presidente do senado, mostrou o poder das redes sociais e a vulnerabilidade das instituições democráticas.

O problema, na verdade, é mais prosaico: ao diminuir o abismo entre os insiders e outsiders políticos, ela ajudou mais os rebeldes do que o status quo, e mais as forças da instabilidade do que as forças da ordem. (MOUNK, 2019, pg. 181).

Logo, segundo o autor, nos últimos anos os políticos populistas conseguiram desfrutar de maneira mais assertiva do sistema tecnológico, e assim enfraquecer e desviar dos princípios fundamentais da democracia liberal. Porém, essa realidade pode ser revertida a partir do momento em que populistas ao alcançar o poder e não cumprir com o prometido, as mídias sociais poderão servir de instrumento para empoderamento dos outsiders contra seu governo. Talvez esse movimento tenha até se iniciado, visto que após a invasão ao Capitólio as principais plataformas baniram ou suspenderam os perfis de Donald Trump e de alguns apoiadores. Ademais, uma atitude impensada de Trump impulsionou seu segundo pedido de impeachment que pode causar um grande empecilho no seguimento de sua vida política.

### **3 OS CAMINHOS PARA SALVAGUARDAR A DEMOCRACIA LIBERAL**

Com a finalidade de preservar a democracia liberal o autor propõe que os defensores desse sistema sejam destemidos e assim fazer com que as instituições democráticas retornem a atender as expectativas de seus cidadãos. Isso posto, é necessário que ressaltem práticas impopulares; desacelerem a aprovação de projetos de lei; incitem as instituições judiciárias a barrar leis inconstitucionais; apoiem a imprensa que está sendo atacada; e forcem os outros membros do governo e organizações internacionais a fim de que pressionem políticos populistas.

Dessa maneira, é importante que a oposição a esses regimes pratiquem um plano de união, para mitigar a polaridade cultivada pelos populistas, além disso uma política de transparência, compreensão das preocupações dos eleitores e transmitir positividade em relação ao futuro, portanto não devem se concentrar em repetir incessantemente os defeitos de líderes populistas. Assim, essas medidas quando são realizadas de modo equilibrado podem gerar um repúdio maior ao aspirante a ditador e as causas defendidas podem ser percebidas como um fator autêntico e não uma política do inimigo, e então reconstruir a defesa das normas democráticas.

Visto os estragos duradouros que um político autoritário com poder pode realizar, e posto que as eleições são a única proteção disponibilizada pela democracia e a mais eficaz é de extrema importância persuasão do povo, sendo preciso que os defensores da democracia liberal demonstrem seu comprometimento com o rompimento do *status quo*, e os ativistas participem de movimentos políticos que possam mudar os resultados nas urnas.

Para salvar a democracia, precisamos, em outras palavras, unir cidadãos em torno de uma visão comum de suas nações; dar-lhes esperança verdadeira quanto a seu futuro econômico; e torná-los mais resistentes às mentiras e ao ódio com que se deparam nas mídias sociais diariamente. (MOUNK, 2019, pg. 232).

No dia 20 de janeiro de 2021, o atual presidente Joseph Biden no seu discurso de posse ressaltou que celebravam naquele dia o triunfo de uma democracia preciosa e frágil, onde a vontade do povo fora ouvida, destacou que há muito a reparar, a restaurar, a curar, a construir e a ganhar. Afirmou que devem confrontar e vão derrotar a ascensão do extremismo político, da supremacia branca e do terrorismo doméstico. Ademais, aderiu a um discurso de união da nação para “ lutar contra os inimigos que enfrentamos, raiva, ressentimento e ódio, extremismo, ilegalidade, violência, doença, desemprego e desesperança”. Além disso, declarou também que devem terminar com a guerra entre republicanos e democratas, ruralistas contra urbanos, conservadores contra liberais e assim prometendo lutar por aqueles que o apoiaram mas também aqueles que não o fizeram.

### **3.1 Domesticar o nacionalismo**

A respeito do nacionalismo o mesmo demonstra que nas regiões da Europa Central e do Leste Europeu, governos populistas sempre conseguiram utilizar-se de um argumento nacionalista de desconfiança (com discursos xenofóbicos), e apresenta qualquer opositor como um antipatriota, atualmente esse discurso vem ganhando cada vez mais força por lá. A questão do nacionalismo e democracia estão em coalizão em todo o mundo, e se não conseguirmos parar esse movimento nocivo pode ruir o ideal de uma democracia liberal multiétnica.

A partir da afirmativa que “[...] os princípios neutros da lei são, na prática, aplicados de forma discriminatória.” (MOUNK, 2019, pg. 241) segundo o autor os políticos da esquerda americana alegam que essas práticas discriminatórias apenas poderiam ser interrompidas se fossem rejeitados completamente alguns princípios básicos da república americana, como por exemplo o patriotismo, porém tal atitude está equivocada pois podem acarretar a destruição da

possibilidade de criação de uma democracia aberta e multiétnica, assim a esquerda desocupou o espaço do nacionalismo e deixou que a direita realizasse uma reinterpretação do termo.

Com isso, Yascha Mounk sugere um patriotismo inclusivo, pois embora um dos objetivos da democracia seja garantir a equidade de seus cidadãos frequentemente ela não consegue cumprir. De um lado, tem a Direita com um discurso negacionista do pertencimento das minorias em sua nação, e de outro a Esquerda frisando as inúmeras diferenças entre etnias e religiões, provocando um distanciamento ainda maior. Desse modo, o patriotismo inclusivo vem para mostrar as semelhanças que existem entre os cidadãos e isso aconteceria se pessoas com diferentes trajetórias fossem educadas juntas para que consigam ter a visão de compatriotas.

Uma política de integração liberal genuína partiria da decisão revigorada de garantir que membros de grupos minoritários não sejam discriminados ou vejam suas perspectivas de vida travadas por obstáculos estruturais. Ao mesmo tempo, também se oporia a quem — seja por medo de ser falsamente acusado de discriminação seja por um compromisso explícito com o relativismo cultural — isenta as minorias de direitos básicos e deveres de uma sociedade liberal. (MOUNK, 2019, pg. 252).

Atualmente, os defensores da democracia liberal apenas apontam e criticam as medidas populistas inflando ainda mais o discurso de ódio, um exemplo é o desdém do medo da insuficiência dos controles de fronteiras, porém vale ressaltar que é um direito dos países aprimorarem a segurança de seu território e isso não viola os fundamentos democráticos, mas é preciso atentar-se em garantir que os residentes legalizados possuam seus direitos.

Não existe solução fácil. E, no entanto, um meio-termo de princípios é possível: os defensores do nacionalismo inclusivo deveriam proteger os direitos das pessoas que já estão no país e advogar para que a porta permaneça aberta a parentes próximos de residentes e a imigrantes muito qualificados. Mas, ao mesmo tempo, devem levar a sério as preocupações com o ritmo acelerado da migração e reconhecer que a nação é uma comunidade delimitada geograficamente que só pode perdurar se for capaz de controlar suas fronteiras. (MOUNK, 2019, pg.254).

Nesse sentido, o presidente Joseph Biden nomeou um grupo bem diverso para importantes cargos do governo americano, entre os escolhidos estão Kamala Harris que tornou-se a primeira mulher e primeira negra eleita para a Casa branca; Deb Haaland primeira mulher indígena no secretário do interior; Alejandro Mayorkas primeiro latino e imigrante a ocupar a secretaria do Departamento de Segurança Interna e entre outros.

### 3.2 Recuperação Econômica

Segundo Mounk, nos dias de hoje as fábricas e os sindicatos não possuem mais a força que tinham antes, com isso o mercado de trabalho se transformou e passou a não ser mais seguro, assim o povo começou a almejar uma rápida mudança a fim de garantir uma posição mais próspera. Os populistas utilizam desse sentimento por meio de simples slogans (como “*Make America Great Again*” utilizado na campanha de Trump em 2016) para fazer com que os eleitores projetem para o futuro de maneira nostálgica o que vivenciaram no passado.

Com o avanço tecnológico, o trabalho tradicional deixou de ser uma opção, isto é o Estado precisa se reinventar com essas mudanças com a finalidade de garantir uma vida digna para seus cidadãos, enfrentando a estagnação econômica e realizando distribuições de lucro mais justas. Para isso, o autor propõe uma mudança nos aspectos da tributação, habitação e produtividade.

Em relação a tributação é necessário “aumentar as alíquotas reais de imposto para quem ganha mais e para as empresas mais lucrativas.” (Mounk, 2019, pg. 262) para reconstruir um Estado de bem estar social. Outro problema, é a mudança das sedes das empresas para o exterior que criam *offshores* para conduzirem os lucros para locais com menores taxas e evitar as leis tributárias. Dessa maneira, propõe que os governos aumentem as penas de grande evasões fiscais e assim investirem nas investigações de fraudes.

Para remediar o impacto corrosivo que alguns territórios pequenos com impostos corporativos excepcionalmente baixos podem ter sobre o quinhão geral, outros estados e países deveriam exigir que as empresas pagassem impostos sobre uma parcela razoável de seu imposto integral em cada um dos territórios onde fazem negócios. (MOUNK, 2019, pg. 266).

A questão habitacional também é importante de ser alterada, devido ao aumento de preços dos imóveis principalmente nas maiores cidades, há um prejuízo nos padrões de vida principalmente dos jovens, ou seja, corrobora para perpetuação da estagnação econômica. As soluções seriam a simplificação dos processos de licenciamento, construção de novos apartamentos e cobrança de um imposto único sobre o valor da terra.

Nesse sentido, também seria viável “Impostos mais altos sobre um segundo imóvel e propriedades vazias poderiam aumentar os índices de ocupação” (Mounk, 2019, pg. 268) e abolir incentivos que facilitam aquisição de novas propriedades pelos ricos, mas Yascha Mounk reconhece o receio que políticos apresentam em realizar essa mudanças depois do que viveram em 2008.

Ademais, é importante aumentar os índices de produtividade assim é preciso investir mais em universidades e financiamento de pesquisas de longo prazo (proporcionando incentivos às empresas que apoiarem tais projetos), fomentar invenções de ferramentas digitais capazes de individualizar a aprendizagem dos estudantes de acordo com suas necessidades e aptidões, e estabelecer períodos em que as pessoas em idade produtiva aprimorem suas habilidades. Adotando tais políticas educacionais após um longo período, ocasionará uma mão de obra mais qualificada e conseqüentemente haverá maior possibilidade de negociar salários mais altos, elevando a produtividade e diminuindo a desigualdade.

Outro fator que atrapalha o crescimento econômico é a precariedade do Estado de bem-estar social, devido ao crescimento na taxa de envelhecimento da população o Estado enfrenta dificuldades em conservar o direito de aposentadoria, financiamento de sistemas de saúde e oferecimento de serviços adequados para os idosos, e com isso reduzem o custo de todos esses mecanismos disponíveis. Isso posto, seguindo a principiologia de Mounk o Estado de bem-estar social precisa se desvincular dos benefícios sociais do emprego tradicional e disponibilizar portabilidade plena a seguros de saúde, assim é preciso de um mercado de trabalho flexível com benefícios portáteis aumentando a produtividade.

A questão, na verdade, é como criar um Estado de bem-estar social que proteja quem está fora do mercado de trabalho assim como quem se encontra dentro dele; que incentive empresas a contratar em vez de demitir; e que dê aos cidadãos a rede de apoio de que precisam para correr riscos economicamente benéficos para todos. (MOUNK, 2019, pg. 275).

Por último, a compreensão das conseqüências culturais do trabalho, visto que o mesmo precisa possuir um propósito, pois “Já que a identidade “conquistada” lhes escapa por entre os dedos, é provável que recorram a uma identidade “atribuída” — tornando sua etnia, religião e nacionalidade mais centrais à sua visão de mundo” (Mounk, 2019, pg. 276) essa identidade é muito bem explorada pelos líderes populistas. Sendo assim, as democracias liberais precisam adotar novas estratégias para enfrentar os desafios econômicos e angariar o padrão de vida de seu povo.

### **3.3 Renovar a fé cívica**

Como exposto anteriormente, a ascensão das mídias sociais proporcionou um fluxo de informações e um aumento da conexão entre as pessoas, por outro lado tornou-se um instrumento para disseminar comportamentos discriminatórios e teorias da conspiração,

consequentemente ativistas começaram a solicitar que as plataformas implementassem novas medidas para mitigar tais comportamentos. “Como um abismo enorme separa os lados desse debate, é tentador pensar que estamos diante de duas alternativas igualmente desagradáveis: de um lado a regulamentação intrusiva ou a censura pura e simples, de outro inércia e fatalismo.” (MOUNK, 2019, pg. 283)

Todavia, apresenta três alternativas a esses problemas supracitados primeiramente seria implementar o mesmo sistema de autorregulamentação utilizadas nas indústrias de cinema e televisão, reconhecer que as plataformas podem impedir a propagação das notícias falsas e discursos de ódio sem atingir o campo da censura (importante frisar que a Constituição Federal de 1988 possui direitos fundamentais não absolutos assim não seria um ataque a liberdade de expressão), e diferenciar postagens em massa realizadas por meio de robôs e seres humanos.

Em 2020 as plataformas Facebook, Instagram e Twitter reforçaram os controles do combate das notícias falsas, principalmente devido ao COVID-19 e também pelas eleições americanas (isso porque nas eleições passadas dados dos usuários Facebook interferiram no processo eleitoral) colocando avisos nas postagens suspeitas. Em janeiro de 2021, devido a invasão ao Capitólio encorajada pelas redes sociais fizeram com que Donald Trump tivesse sua conta banida por tempo indeterminado.

### **3.3.1 Eleições e Confiança política**

Para impedir o movimento populista vivenciado nos dias atuais, é preciso derrotá-los nas urnas fazendo com que os cidadãos participem da maçante política e da política partidária. Essa realidade, está pode estar começando a ser modificada, visto que nas eleições americanas de 2020 160 milhões (67%) de pessoas votaram, o dobro do que registrado em 2016 e a taxa mais alta desde 1900, deve-se levar em consideração que esse comparecimento ocorreu em meio a uma pandemia, elevando mais ainda a relevância.

Somado a isso, uma política transparente é essencial para que atores políticos ajam seguindo as regras básicas do jogo. Durante todo período eleitoral Trump deixou claro não ter respeito a essas regras, visto que nos debates insistia na argumentação dos votos pelos correios serem passíveis de fraude assim como todo sistema eleitoral, e mostrando ao final sua indignação com o resultado.

Um meio eficaz contra a propagação de teorias da conspiração, portanto, é restabelecer formas tradicionais de boa governança. Para reconquistar a confiança da população depois que Trump sair do cargo, os políticos terão de

se ater à verdade em suas campanhas; evitar a percepção de conflito de interesses; e ser transparentes quanto à relação que têm com lobistas no próprio país e funcionários dos governos de outros países. (MOUNK, 2019, pg. 286).

Com certeza esses vão ser os maiores desafios de Joseph Biden, para conter as ideias populistas e reconstruir as duras marcas deixadas por Donald Trump. O atual presidente iniciou seu mandato desfazendo algumas medidas que foram tomadas pelo governo anterior, como a volta da participação dos Estados Unidos para o Acordo de Paris e da Organização Mundial de Saúde, estabeleceu uso de máscara obrigatório nos edifícios estaduais, encerrou o financiamento do muro na com fronteira do México e permitiu a entrada de visitantes de países mulçumanos.

### 3.3.1.1 Lobistas

A mudança em relação aos lobistas é essencial, visto que financiam as campanhas políticas, isso faz com que os indivíduos financiados caso ganhem apresentem projetos que favoreçam esse grupo independente da vontade popular. Essas práticas são muito comuns em país como Estados Unidos (possui exigências de limites de gastos políticos brandas), sendo conhecida com uma corrupção *quid pro quo* (uma coisa pela outra), isto é, dinheiro em troca de favorecimento político para concretizar interesse particulares. Nos países com democracias consolidadas esse sistema acontece por intermédio de doações, lobby e promessa de empregos por parte das empresas, assim protegem seus negócios independente da mudança de governo.

O ceticismo tem motivo: os ricos e poderosos de fato exerceram um grau preocupante de influência sobre as políticas públicas durante muito tempo. A porta giratória entre lobistas e legisladores, o papel descomunal do capital privado no financiamento de campanhas, os altos cachês por palestras de ex-autoridades e o forte vínculo entre política e indústria realmente minaram a participação da vontade popular na formulação das políticas públicas. (MOUNK, 2019, pg. 287-288).

Logo, por meio de políticas transparentes é necessário aprovar projetos de lei contra essas propinas, penalizando com maior rigor problemas de corrupção por menor que sejam, caso não o façam é necessário ao menos que recebam alguma atenção, para assim seguir as regras de uma democracia e atender à vontade popular.

Após a invasão ao Capitólio nos Estados Unidos no início de 2021, foi divulgado pelo Center for Responsive Politics (analisa os financiamentos dos políticos) que os organizadores do ato receberam US\$ 2,7 milhões durante a campanha de Trump, é importante ressaltar que

ainda não foram provados nenhuma ligação direta do financiamento e o ato da invasão, mas é de se concordar que esse cenário turvo em relação ao dinheiro utilizados em campanhas podem até mesmo serem atos que apresentem riscos para democracia liberal.

### **3.3.2 Educação cívica**

A educação cívica, é umas das soluções mais necessárias segundo Yasha Mounk, as crianças precisam de ser instruídas para que se tornem cidadãos conscientes. Em uma pesquisa recente relatada no livro e realizada com alunos de 55 faculdades americanas mais bem ranqueadas mostra que “Apenas 50% foram capazes de responder sobre a duração dos mandatos de senadores e deputados; 80% teriam sido reprovados se fosse uma prova de educação cívica da escola.” (Mounk, 2019, pg. 293), o que reflete o quanto os jovens estão desinformados a respeito da política.

A consequência dos fatos supracitados, foi fruto de uma educação anticívica que provoca nos estudantes uma sensação de indiferença em relação às instituições democráticas. Por outro lado, a democracia liberal quando é discutida entre acadêmicos normalmente da área de humanidades há o predomínio de um discurso que visa reconhecer e destacar suas múltiplas injustiças e hipocrisias.

Portanto, o ideal em uma educação cívica seria compreender as injustiças, as grandes conquistas e benefícios de uma democracia liberal, incentivando os jovens a ratificar a primeira e defender as últimas. Ademais, Mounk afirma que é dever dos professores apresentarem os outros sistemas alternativos à democracia liberal, do fascismo ao comunismo, da autocracia à teocracia, e demonstrar o quanto são prejudiciais à sociedade e uma ameaça aos direitos fundamentais que estão previstos na Constituição.

Mas uma coisa é evidente: as mídias sociais só tiveram um impacto tão corrosivo na democracia liberal porque as bases morais do nosso sistema político são muito mais frágeis do que imaginávamos. Portanto, quem quiser contribuir para a revitalização da democracia liberal terá de ajudar a reconstruí-la sobre alicerces ideológicos mais estáveis. (MOUNK, 2019, pg. 299).

## **4 Um movimento Populista pode transformar-se em uma Era**

A crença de uma estabilidade eterna é apenas uma ilusão do ser humano, na medida em que subestimam políticos autoritários, os mesmos crescem e se consolidam no poder, a oposição decresce ao passo de não possuírem mais meios de retomarem o cargo por meio de eleições



livres e justas. As estruturas de uma democracia liberal estão sobre real ameaça, um movimento que alcançou a Hungria, Filipinas, Polônia, Estado Unidos e outros pelo mundo.

Houve épocas em que as democracias liberais conseguiram assegurar a seus cidadãos um crescimento muito rápido no padrão de vida. Hoje, isso não é mais possível. Houve épocas em que as elites políticas controlavam os meios de comunicação mais importantes e conseguiam de fato excluir as opiniões radicais da esfera pública. Hoje, outsiders políticos sentem-se livres para espalhar ódio e mentiras. E houve épocas em que a homogeneidade de seus cidadãos — ou pelo menos uma hierarquia racial íngreme — em boa medida explicava o que unia as democracias liberais. Hoje, os cidadãos têm de aprender a viver em uma democracia muito mais igual e diversa. (MOUNK, 2019, pg. 217).

No momento em que os cidadão se unem, resistem e se manifestam contra tais posturas autoritárias, possuem a oportunidade de retirá-lo do poder, transformando aquele governo populista apenas em movimento, impedindo que vire uma Era. O 46º presidente dos Estados Unidos Joseph Biden, terá uma importante oportunidade assim como todos os cidadãos americanos de fortalecerem as estruturas democráticas que foram atacadas e reconstruir o país (apesar de que os atores políticos continuam sendo os mesmos), pois se não o fazer podem estar condenados a mais anos populistas, como deixou claro o ex-presidente Donald Trump antes de se retirar da Casa Branca “ De algum jeito, voltaremos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O autor consegue elucidar a gravidade da política atual e o perigo de sua designação a governos mais propensos a se tornarem ditaduras, até mesmo em países que pareciam possuir uma democracia estável e consolidada como nos Estados Unidos. Sendo assim, de maneira concisa convoca aqueles que deveriam ser o núcleo da democracia liberal (o povo) a tornar sua voz ativa e provocar mudanças a fim de assegurar o governo democrático. Com isso, por meio de suas soluções incitam os políticos opositores ao regime populista a apresentarem políticas públicas transparentes e inovadoras.

Essa obra é fundamental para aprimorar conhecimentos políticos, sociológicos, históricos e antropológicos. Além disso, é necessário para todos que se sentem incomodados ou até mesmo aqueles que possuem certeza de suas convicções a respeito da atual política, um livro indispensável para os que almejam ajudar a salvar a democracia.

Isabella Barbosa Trajano, Estudante de graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## REFERÊNCIAS

BBC. Eleições americanas 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/election/us2020/results>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BRAUN, Julia; NEVES, Ernesto. Polarização Máxima. Revista Veja, São Paulo, 2712 ed., n. 46, p. 50-57, nov. 2020.

BRAUN, Julia; IRAJÁ, Victor. Dois homens e um destino. Revista Veja, São Paulo, 2711 ed., n. 45, p. 52-57, nov. 2020.

BRAUN, Julia. A união faz a força. Revista Veja, São Paulo, 2718 ed., n. 52, p. 58-59, dez. 2020.

CNN. 'A democracia prevaleceu': leia o discurso de posse de Joe Biden na íntegra. 20 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/01/20/a-democracia-prevaleceu-leia-discurso-de-posse-de-joe-biden-na-integra>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ESTADÃO. Eleições nos EUA: últimas notícias, resultado e repercussão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/ao-vivo/eleicao-eua-2020-resultado-trump-biden/727622>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ESTADÃO. Posse de Joe Biden: conheça os principais nomes da nova gestão. 20 jan. 2021. Disponível em: <[https://internacional.estadao.com.br/noticias/america-do-norte,pose-de-joe-biden-conheca-os-principais-nomes-da-nova-gestao,70003587892?utm\\_source=instagram:stories&utm\\_medium=social-organic&utm\\_campaign=redes-sociais:012021:e&utm\\_content=:::&utm\\_term=>](https://internacional.estadao.com.br/noticias/america-do-norte,pose-de-joe-biden-conheca-os-principais-nomes-da-nova-gestao,70003587892?utm_source=instagram:stories&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:012021:e&utm_content=:::&utm_term=>)>. Acesso em: 21 jan. 2021.

EXAME. Votação recorde nos EUA: eleitores comparecem em massa às urnas. 03 nov. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/votacao-recorde-nos-eua-eleitores-comparecem-em-massa-as-urnas/>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FOLHA. Organizadores de ato que terminou com invasão do Capitólio trabalharam para campanha de Trump. 22 jan. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/organizadores-de-ato-que-terminou-com-invasao-do-capitolio-trabalharam-para-campanha-de-trump.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

G1. Em debate confuso, Trump e Biden trocam acusações pessoais e expõem discordâncias. 29 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/09/29/trump-e-biden-primeiro-debate-presidencial.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NEVES, Ernesto. O desafio de dar certo. Revista Veja, São Paulo, 2722 ed., n. 3, p. 48-51, jan 2021.

NEVES, Ernesto. Um legado vergonhoso. Revista Veja, São Paulo, 2720 ed., n. 54, p. 40-45, jan. 2021.

OXFORD ECONOMICS. How robots change the world. Disponível em:<<http://resources.oxfordeconomics.com/how-robots-change-the-world?source=recent-releases>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SEGALLA, Amauri; FERRAZ, Ricardo. O preço da liberdade. Revista Veja, São Paulo, 2721 ed., n. 2, p.24-31, jan. 2021.